

UM BANQUETE INTERCULTURAL

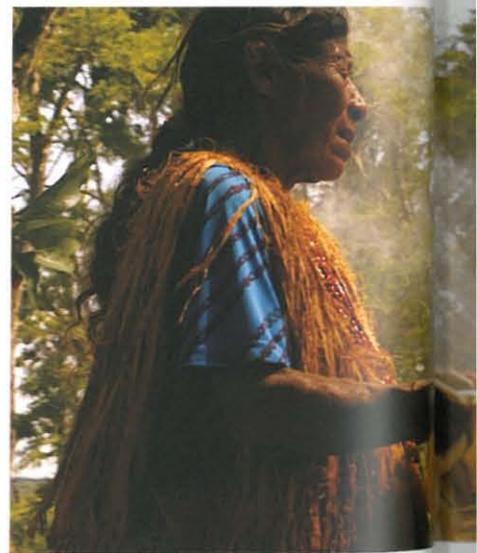
AVISTAR

Desde o tempo que a gente ouviu falar em educação indígena, a gente sonhava um dia estar aqui neste espaço, falar sobre a educação indígena, falar sobre o pensamento indígena e também pegar esse código, essa linguagem do lado de cá para a gente poder fortalecer a nossa luta. Então, esse momento foi muito esperado pelas nossas comunidades e a gente está realizando um sonho de continuar com a luta mais preparado, mais fortalecido, para poder defender os nossos direitos, direito à terra, à educação, à saúde, essa coisa toda que envolve o nosso povo.

Kanatyo Pataxó, graduando no FIEI

Começou com a aprovação da lei, na Constituinte de 1988, quando as comunidades indígenas ganharam o direito de ter uma escola diferenciada e, por isso talvez, teve a oportunidade de ter esse curso, um curso diferenciado para os professores indígenas. Aí começou a luta. As lideranças começaram a participar dos movimentos indígenas. Várias lideranças, uns que já morreram, outros que ainda estão vivos.

Creuza Nunes Xacriabá, aluna do FIEI



O FIEI - Formação Intercultural de Educadores Indígenas é resultado de uma parceria entre a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais (SEE/MG), a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), a Fundação Nacional de Saúde (FUNASA) e o movimento indígena. Essa parceria se iniciou, em 1996, com a criação do Programa de Implantação das Escolas Indígenas de Minas Gerais (PIEI/MG). Em 1999, após a conclusão do primeiro curso de Magistério do PIEI, ficou clara para a UFMG a demanda indígena pelo Ensino Superior.

JURAL

FORMAÇÃO INDÍGENA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Essa caminhada foi uma grande data para a gente, caminhada longa. Foi uma batalha nossa, os nossos filhos só estudavam na escola de branco e a gente optou, uma organização dos povos indígenas de Minas Gerais, para a gente poder fazer educação indígena na aldeia. Talvez hoje, eu, o finado Rodrigo, o finado Adolfo, a velha Laurita, Seu Nego, esses foram as primeiras lideranças que correram atrás da educação indígena no Estado de Minas Gerais. Até a gente chegar aqui foi uma caminhada tão difícil, que para a gente hoje é um sonho que está sendo realizado.

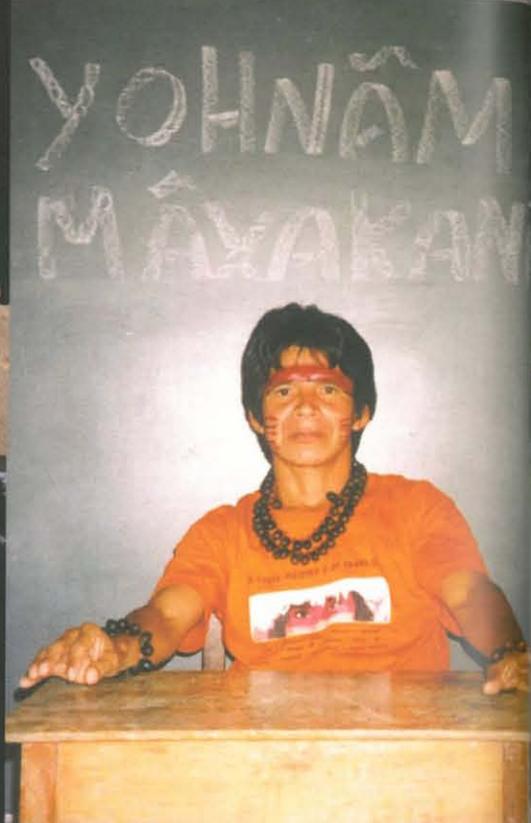
Baiara Pataxó, liderança indígena

O esforço do nosso povo, das lideranças e do nosso cacique também junto com a Funai e o pessoal da UFMG deu uma força junto, todos eles, todo mundo. Para mim tem uma importância muito grande. A gente achava que não chegava aqui nunca e agora a gente está, já chegamos.

Emílio Xacriabá, coordenador indígena do FIEI



Foi um movimento de mão dupla. De um lado, os indígenas fazendo valer o preceito constitucional de conquistar ensino diferenciado. De outro, a Universidade buscando garantir qualidade à formação dos professores indígenas e gerar um amplo movimento de descobertas recíprocas entre as culturas envolvidas. O resultado foi o curso especial de graduação para Educadores Indígenas.





A caminhada teve vários momentos. Em dezembro de 2001, a Reitoria indicou uma comissão com o objetivo de levantar contribuições para um programa da UFMG destinado às populações indígenas. Em 2002, a comissão encaminhou seu relatório com propostas de inclusão dos povos indígenas na UFMG, entre as quais o Veredas Cultural, um curso de formação de professores indígenas em parceria com a Secretaria de Estado da Educação/MG, que não chegou a ser realizado.

Mas foi implementado o Programa Culturas Indígenas na UFMG. Tratava-se de uma tentativa concreta de se iniciar um diálogo entre docentes e estudantes da UFMG e os indígenas candidatos ao Ensino Superior. Sua proposta foi promover ações de extensão, ensino e pesquisa, relacionando comunidades indígenas e comunidade universitária, no processo de produção de saber sobre educação intercultural e plurilíngue.

Uma das atividades centrais desse Programa foi o “Laboratório Intercultural” – duas semanas de oficinas destinadas aos então 65 professores indígenas de Minas Gerais, como formação continuada e etapa para a graduação, organizado em duas grandes áreas temáticas: territórios e linguagens.

A realização dessas oficinas em 2002 criou oportunidade para a edição criativa de seus registros no ano seguinte. A discussão gerada pela realização do Programa se concentrou nas relações entre oralidade e escrita; entre sociedades tradicionais e modernas, entre arte e artesanato, entre conhecimentos científicos, técnicas artísticas, modos de

transmissão, saberes diversos que se enriqueceriam uns aos outros.

Estava criado o ambiente propício para o surgimento do projeto do curso Formação Intercultural de Educadores Indígenas. Finalmente, em 2004, o projeto foi elaborado, amplamente discutido e aprovado no III Fórum de Formadores de Professores Indígenas, realizado em outubro de 2004 na UFMG, com a presença de diversos representantes do movimento indígena de Minas Gerais, bem como da equipe de formadores do PIEI/MG, da SEE/MG, da FUNAI e do MEC.

O curso começou em 2006, com 142 estudantes das etnias Pataxó, Xakriabá, Maxakali, Krenak, Caxixó, Xukuru-Cariri, Pankararu e Aranã.

É um curso com duração de cinco anos e com carga horária de 3.750 horas, sendo 2.850 horas de formação para professor do Ensino Fundamental e 900 horas de formação para professor do Ensino Médio, nas áreas de concentração: Línguas, Artes e Literatura; Ciências da Natureza e Matemática; e Ciências Sociais e Humanidades.

O FIEI se organiza em torno de dois momentos distintos: as etapas intensivas e as etapas intermediárias. Cada semestre letivo é composto de uma etapa intensiva e de uma etapa intermediária.

As etapas intensivas ocorrem na UFMG, coincidindo com o funcionamento dos outros cursos na Universidade. O FIEI está sediado na Faculdade de Educação (FaE), mas os estudantes indígenas atendem a aulas e laboratórios interculturais em outras unidades do campus.

As etapas intermediárias se dão nos períodos entre uma etapa intensiva e outra, e acontecem nas áreas de origem dos estudantes, permitindo, assim, que eles conciliem as atividades docentes nas suas escolas



com as atividades do curso.

Um conceito que fundamenta toda a proposta metodológica da Formação Intercultural é o de percurso acadêmico diferenciado para cada estudante ou grupo de estudantes indígenas.

Cada etapa intensiva está organizada tendo como referência os Módulos de Aprendizagem e os Grupos de Trabalho. Aliam-se, nesse processo, um roteiro comum a todos os estudantes e uma trajetória acadêmica diferenciada para cada aluno, sem que isso signifique compartilhar a sua formação. Durante as etapas intensivas também ocorrem atividades culturais, oficinas e vivências.

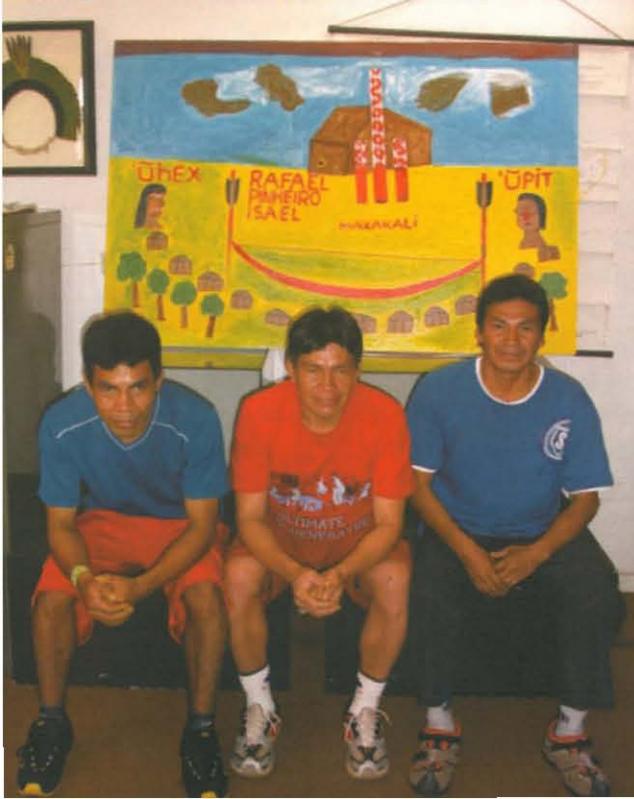
Os Módulos de Aprendizagem representam o período dedicado às atividades disciplinares do curso. Podem ter carga horária variada, dependendo dos conteúdos a serem trabalhados.

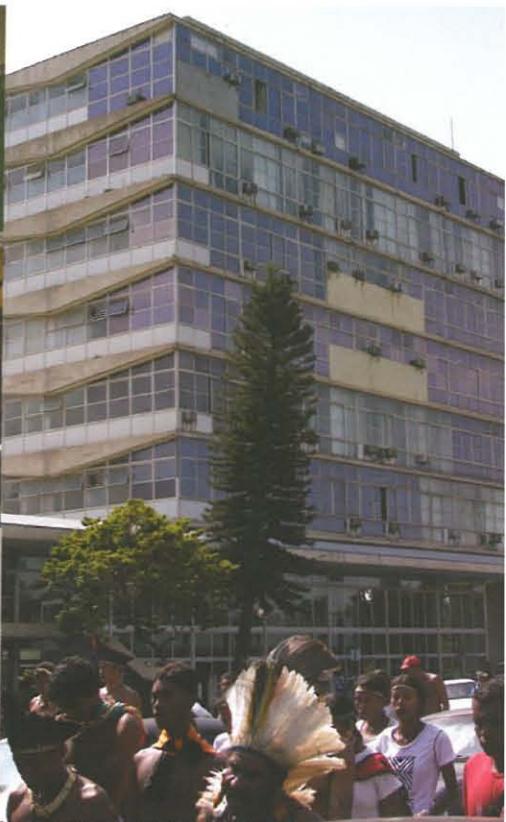
Os Grupos de Trabalho representam a espinha dorsal das etapas intensivas. Neles, a discussão teórica do curso e a experiência dos estudantes se encontram, criando percursos acadêmicos próprios para cada grupo, definidos a partir da reflexão coletiva. Cada grupo pode pedir disciplinas específicas, de acordo com suas necessidades, construir e desenvolver projetos de pesquisa, desenvolver projetos sociais. São formados a partir da reflexão coletiva sobre a prática pedagógica, considerando a realidade, os objetivos e o interesse de cada estudante. Cada grupo é coordenado por um professor, que tem a responsabilidade de acompanhar o processo daquele grupo de estudantes, buscando atendê-los de forma mais individualizada.

Os laboratórios interculturais, ocorridos na UFMG, têm duração

variada por semestre e são definidos de acordo com o calendário de atividades de cada grupo de pesquisa e extensão. Cada laboratório acontece na Unidade em que existir maior acúmulo a respeito da temática em questão. Alguns laboratórios interculturais são desenvolvidos nas áreas indígenas, dependendo da organização dos grupos de pesquisa e extensão. Os membros das comunidades indígenas detentores dos chamados conhecimentos tradicionais são convidados a participar desses laboratórios interculturais, possibilitando um envolvimento de todos num diálogo intercultural, caracterizado, sobretudo, pelas passagens, mediações e processos tradutórios (no sentido amplo, de tradução cultural).

As etapas intermediárias ocorrem nas áreas de origem dos estudantes, nos períodos entre cada etapa intensiva. Nesses momentos são realizados módulos de aprendizagem, envolvendo disciplinas que ganham mais sentido e significado dentro do cotidiano das aldeias: Cultura Indígena, Língua Indígena, Uso do Território Indígena etc. Os alunos desenvolvem atividades de estudo, pesquisa, leitura e escrita, coleta e preparação de material didático, entre outros. Tendo como perspectiva a construção de uma escola indígena diferenciada, são produzidos materiais didáticos adequados a cada escola, no sentido de retratarem a sua realidade específica. O próprio curso propicia condições para a produção desse material, sendo os estudantes seus autores e divulgadores. Todo o material didático e de pesquisa produzido pelos estudantes e professores ao longo do curso compõe um banco de dados para ampla utilização nas escolas das aldeias.





ENCONTRAR

A formação intercultural supõe vários desafios, uma grande capacidade para aprender da própria prática – porque “se faz caminho ao andar” – e oferece possibilidades de experimentar profundamente o novo; possibilidades de ousar.

O curso tem que responder aos anseios das comunidades indígenas, não só na questão das escolas indígenas, mas da vida do povo. Por outro lado, o curso também exige da universidade uma nova postura, ao mesmo tempo em que oferece, a esta mesma universidade, possibilidades de se reinventar.

Um primeiro aspecto inovador e acertado, na opinião tanto das coordenadoras quanto dos alunos do FIEI e das lideranças indígenas, é a centralidade dos projetos sociais na proposta curricular do curso. Colocar os projetos sociais dentro da proposta curricular e não como algo fora dela. Assim, os conteúdos são tratados de forma diferenciada para cada etnia que participa do curso.

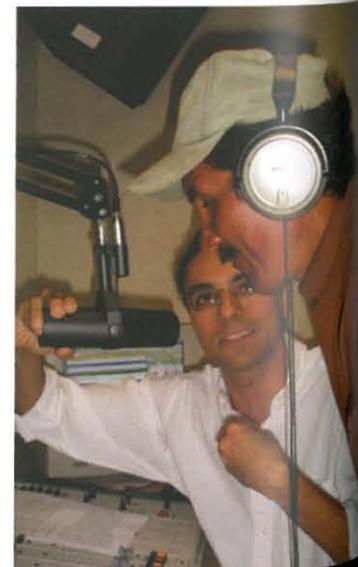
Estamos contando como os projetos começaram a fazer parte da nossa vida, dos povos indígenas, com a intenção de fazer com que os alunos aprendam a elaborar e executar. Ao mesmo tempo em que estão participando dos projetos, estão também aprendendo a lidar com eles. O que a gente está procurando sempre e discutindo é que sejam projetos de desenvolvimento sustentável, aproveitando os recursos naturais que temos pra gerar renda, pra evitar que as pessoas saiam da aldeia para trabalhar fora. Estamos preocupados com a natureza, com o território. Uma das preocupações que temos é de mostrar aos alunos os pontos positivos e os negativos dos projetos. Quando a gente mostra os pontos negativos, temos que mostrar o que aprendemos com isso.

Zeza Xacriabá, aluna do FIEI



Os projetos sociais podem ser construídos também pelas escolas. Os projetos sociais e os projetos político-pedagógicos estão dentro do plano de vida da comunidade. A gente começa com o plano de vida, o mesmo que uma semente. As frutas, galhos e flores são os projetos pedagógicos e os projetos sociais.

Graduandos do FIEI, em debate na FaE



Na semana passada
Tivemos aula de movimentos sociais
Onde houve uma troca de experiência
Entre os alunos indígenas e os demais

Eram vários grupos
Com temas em diversidades
Mas todos eram estudantes
Daqui da universidade

Vimos na universidade
Com muita ansiedade
Para mostrar nossas diferenças
Através da interculturalidade

Somos oito etnias
De povos lutadores
Não medimos esforços
Para mostrar nossos valores

*Ivenira, Graças, Maria de Lourdes, Alice, Rose Meiry, Sônia, Sidnéia-Xacriabá,
graduandas no FIEI/UFMG*



Nós, alunos da universidade UFMG e indígenas, temos autonomia, total liberdade de escolher e buscar o que queremos para a nossa formação do curso superior, escolhendo qual disciplina, como vai ocorrer o curso, como queremos o andamento do curso, buscando o melhor para cada um individualmente, sendo independentes. Tivemos a liberdade de escolher as disciplinas de nosso interesse.

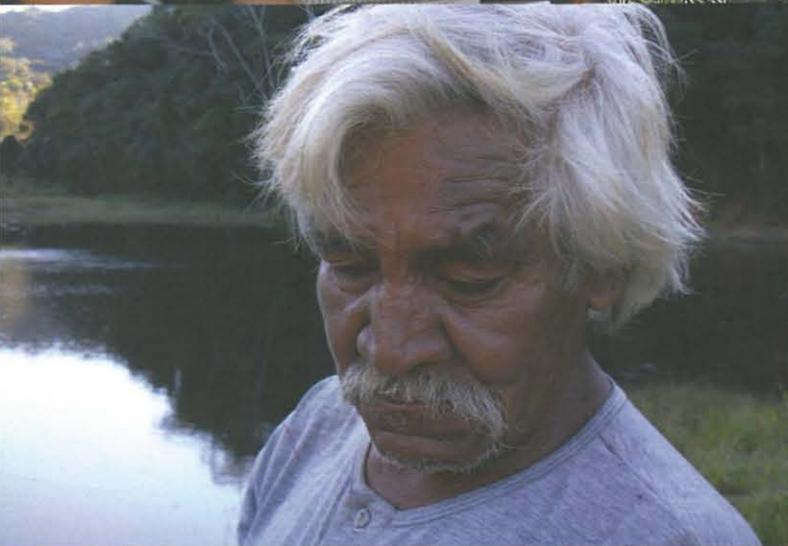
Assim, cada um tendo a liberdade de seguir as disciplinas que era do seu interesse, podendo expor suas dificuldades e aprofundando mais, ajudando para melhor formação com total liberdade de escolha. Não se esquecendo que para uma total liberdade precisamos ter responsabilidade para continuarmos seguindo o melhor meio para nossa formação.

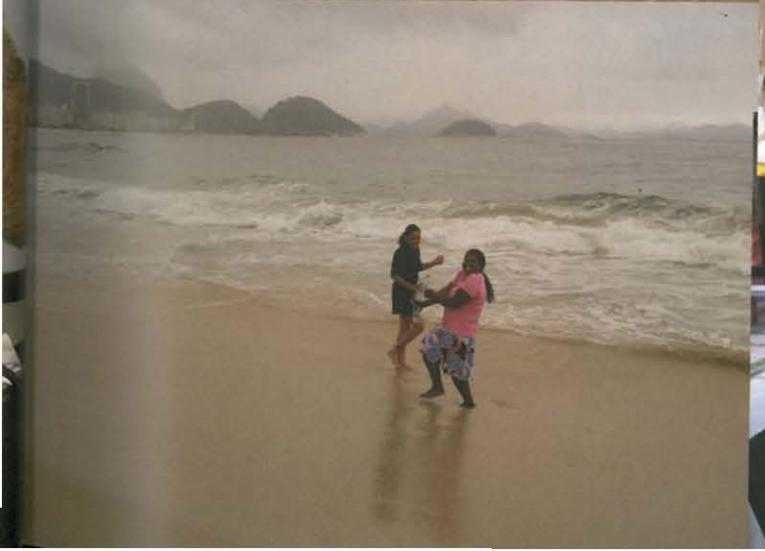
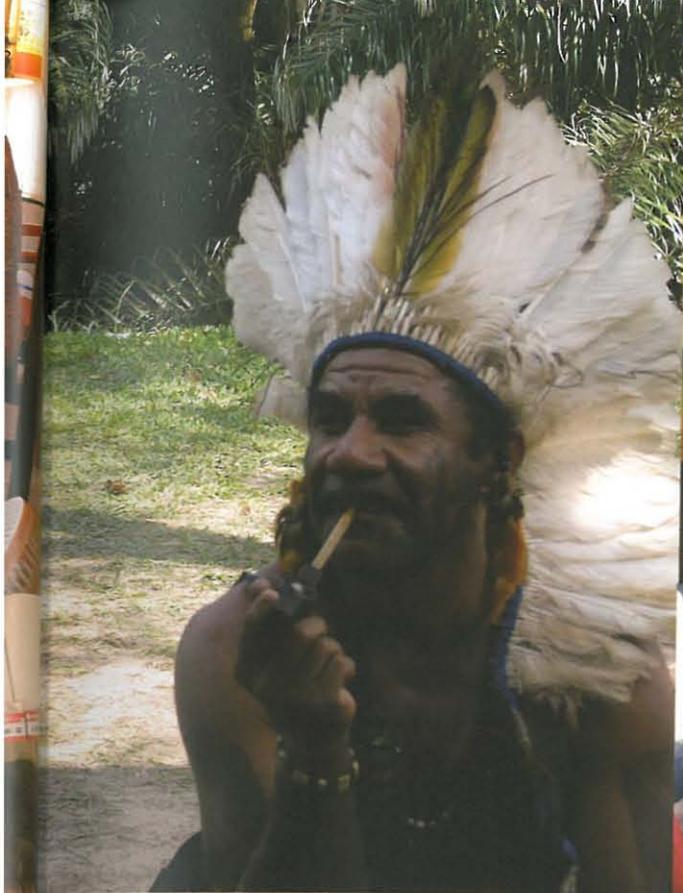
*Jaciara, Maria Aparecida e Glayson Kaxixô,
graduandos no FIEI/UFMG*

A gente conseguiu dar um salto na construção do desenho curricular do curso. A experiência que a gente tem em relação à idéia de percursos acadêmicos, de trabalhar com questões que são comuns a todos, mas ao mesmo tempo com a possibilidade deles fazerem escolhas ao longo desse percurso, dá um desenho onde a gente pode atender a especificidade de cada povo, ao desejo de cada um dos estudantes.

Lúcia Álvares, coordenadora de área do FIEI







DEGIL

O que é o diálogo intercultural? Muito difícil falar porque ninguém sabe o que é, é algo que depende do deslocamento dos sujeitos. E todos, de alguma maneira, procuramos um lugar aonde vamos buscar ganhar identidade, mas a gente vai perdendo identidade. Eles vão perdendo e a gente também. Assim é possível um encontro, porque parte do pressuposto do “não ser alguma coisa”, do “não saber”. O problema da nossa escola, da universidade, essa escola burguesa, parte do pressuposto do saber. O que se transmite são saberes. Isso é mentira. Não se transmite o saber, o que a gente transmite é o desejo, a vontade de saber. Porque o saber é absolutamente singular pra cada um. Não se ensina nada, somos nós que vamos pra um lugar e ali produzimos, juntos, alguma coisa. Pra mim, essa coisa que se produz, isso é um diálogo intercultural. Se é legível, (deve ser) legível para um lado e para o outro.

Maria Inês de Almeida, coordenadora de área do FIEI

O nosso conhecimento, eu penso, todo ele pode ser necessário para eles, como o conhecimento deles todo é necessário para nós, mas o nosso conhecimento tem que ser apropriado por eles, para acrescentar ao mundo cultural deles, e não se impor como uma outra realidade. Nós só servimos para eles para isso, senão nós vamos destruir.

Heloísa Starling, vice-reitora da UFMG

Eu sempre procurei ter esse cuidado de mostrar os dois lados, o lado da arte de viver como índio e a arte de saber pisar lá fora e explorar esse conhecimento de fora e trazer o que é bom para eles, para nós, aproveitando esse momento que a gente vem para fora, para poder a gente dali construir as coisas boas para a comunidade.

Kanátio Pataxó, graduando no FIEI

A verdadeira interdisciplinaridade e interculturalidade se dá porque eles trazem consigo as suas crenças, essas propostas de beleza, de estética, esse interesse de buscar novas ferramentas para veicular essas propostas tradicionais que eles não perdem de vista. Mas na medida em que eles vão, por exemplo, para a Escola de Belas Artes aprender técnicas e formas de buscar novos materiais, muitas vezes porque as formas e técnicas tradicionais aqui no estado de Minas já estão perdidas há muito tempo, nas nossas áreas já não tem mais urucum, já não tem mais muita coisa que era uma forma tradicional de obter suporte para as apresentações dessas artes tradicionais, acaba que também a gente vai tendo, realmente, uma troca, porque se eles se apropriam de novos meios, esses novos meios acabam que também são facilmente veiculados, porque são meios mesmo, dentro da nossa cultura. E aí, realmente, existe uma troca interessante.

William Quintal, monitor do FIEI

U T I R

A Universidade está recebendo nós, Maxakali. Aí, nós trazendo a nossa cultura diferenciada, a nossa língua, a nossa religião, aí acho que nós passamos para a Universidade. Aí a Universidade passa para nós também o dela, a experiência.

Rafael Maxakali, graduando no FIEI

Uma das grandes demandas dos estudantes indígenas é uma articulação maior com os outros estudantes da UFMG, seja em cursos, em encontros, em debates. E os estudantes também daqui da FAE têm reivindicado isso. Nós fizemos, por exemplo, um debate com os alunos de Licenciatura de Política e de Didática com os estudantes indígenas. É um exercício de encontro, que também traz essa reflexão da interculturalidade nessas ações que vão sendo construídas.

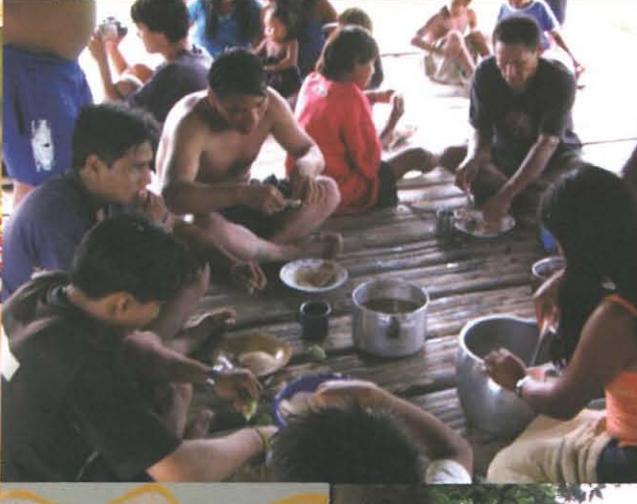
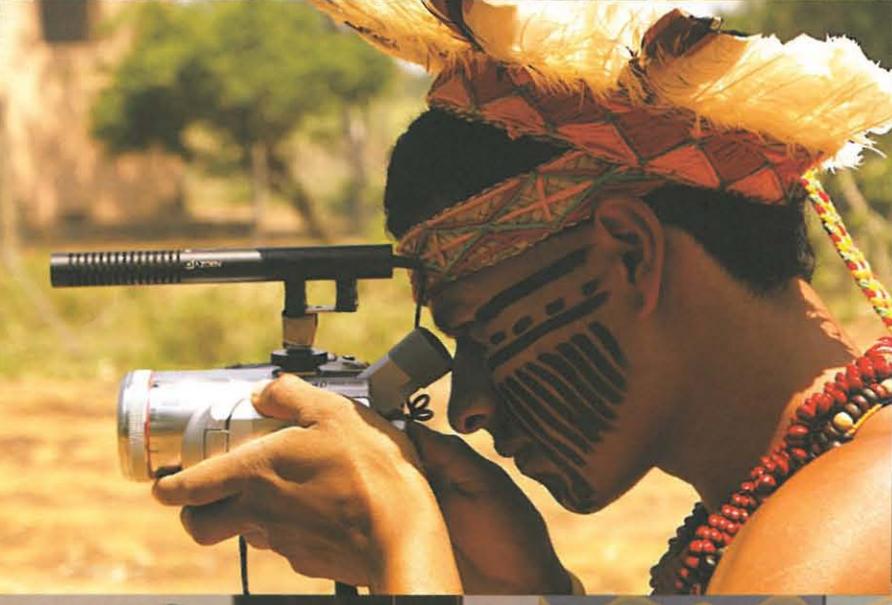
Lúcia Helena Álvares, coordenadora de área do FIEI

E até para ajudar a gente a se ver, quem somos nós, porque, ao vê-los, a gente se vê também. E essas outras perspectivas esses saberes, esse modo de ser diferente aponta para o nosso modo de ser, porque às vezes já está desgastado, já está viciado em certas coisas.

Cláudio Manoel dos Santos, professor do Centro Pedagógico

Eu acho que vai ser muito importante essa troca de cultura. A Universidade tem muito registro dos povos nativos, mas, na verdade, eu acho que a história viva que nós carregamos vai ser importante para a Universidade. Essa história viva, que está hoje aqui presente na Universidade, que são os povos indígenas. Eu acho que o que a Universidade tem são coisas registradas nos livros, e nós carregamos na nossa memória essa história que, desde 500 anos aí, nós estamos seguindo essa linha do tempo, e a gente ainda continua com a memória dos nossos povos aqui, em Minas Gerais. A gente faz interculturalidade, na prática, todo dia, toda hora, mas quando lemos isso num livro, ficamos assustados. Duas coisas que têm que estar forte, nosso espírito, nossa mente e o diálogo. A cultura vem de muita coisa, do universo, das outras pessoas, dos animais, das plantas. Temos que fazer uma ligação com tudo isso, pra fazer nossa cultura. Estudando o que o velho conversou com outro velho, com as crianças, com as mulheres, estudando o que a gente aprende aqui, levando o que vale pra dentro da nossa comunidade, selecionando o que a gente aprende aqui e saber o que é importante, fazer essa ponte daqui pra lá e de lá pra cá. Porque também estamos trazendo coisas pra cá, se importando com o respeito. Analisar, respeitar, observar a cultura do outro.

Kanátio Pataxó, graduando no FIEI





O primeiro desafio é estar aberto para entender que é um processo que não deve ser analisado da mesma forma que as outras licenciaturas, porque não se encaixa. As análises dos projetos pedagógicos que a gente vem fazendo seguem mais ou menos uma regra. Quando começamos a ler e entender o projeto, a gente viu que era uma coisa diferenciada, e que tinha que ser diferente mesmo, devido à especificidade do curso e da relação do curso com o aluno que será beneficiado. O desafio é estar aberto mesmo a compreender a proposta, e, quando não entender, buscar na fonte as respostas para as dúvidas que aparecem durante a leitura e a análise do projeto.

Daniele Farat, funcionária da Pró-Reitoria de Graduação

Essa experiência nossa é interessante, e acho que ela pode servir de parâmetro para uma certa institucionalização, não só desse curso, mas de outras experiências da Universidade. [...] Essa institucionalização, exatamente pela maneira como o curso se desenvolve, pode fugir um pouco dos parâmetros dos outros cursos da Universidade e implicaria um certo planejamento da Universidade como um todo com relação a isso.

Antônia Vitória S. de Aranha, diretora da FaE/UFMG

Talvez a especificidade seja a liberdade de movimento, que efetivamente nós temos, quer dizer, o que a gente quiser decidir, a gente vai poder decidir. E aí existe a possibilidade de liberdade de ação, mas que nos deixa, absolutamente, ainda desarmados. A gente não consegue atuar para muito além do que gostaria, acaba entrando num modelo muito enquadrado. Mas lá por dentro do modelo emerge de novo a possibilidade de lidar com as especificidades, com a diferença, com a particularidade da história de cada um, de cada grupo, os interesses...

Ana Gomes, coordenadora de área do FIEI

Na questão da concepção do curso, o projeto pedagógico que vi é uma coisa impressionante! É tão diferente, que até para nós foi muito difícil de entender qual é a proposta mesmo. Não temos um sistema aqui que faça com que ele seja implantado na universidade, hoje, da maneira como foi concebido. Então eles estão tendo que adaptar para atender a uma questão técnica, puramente técnica, de sistema! Estão tendo que adaptar o seu projeto pedagógico a uma estrutura meio rígida de definir periodicidade – o primeiro período é isso, o segundo período é aquilo –, justamente o que não é o projeto pedagógico do curso, que é maravilhoso, mas no papel, no sistema de computação, ele está enrijecido, por conta das nossas dificuldades.

Ana Lúcia, diretora do Departamento de Controle de Registro Acadêmico da UFMG

T R A N S

Implementar tudo isso tem sido um desafio constante. Alguns acertos são já evidentes: como ter sempre, em cada módulo, docentes indígenas.

Nós conseguimos garantir a presença de professores indígenas de outros estados no corpo docente do curso. Isso possibilitou um avanço também nessa relação entre o curso de formação e as questões vinculadas à educação indígena, às questões do movimento. Acho que isso deu um caráter também de vínculo com as questões indígenas dentro da Universidade.

Lúcia Helena Álvares, coordenadora de área do FIEI

A nossa escola tem grande diferença, e essa diferença temos que praticar no movimento da Pedagogia. A dinâmica da nossa escola vai depender disso. A escola que ensina a ler e escrever o tempo todo não tem sentido. Ela se torna igual à escola do branco. Entramos na Universidade para trazer conhecimentos e buscar também, porque temos uma visão diferente que a Universidade não tem.

Geovana Paulo Santiago Xakriabá, graduanda no FIEI

Falar de história é falar em lacunas. Não existe escola indígena sem movimento indígena. Só entendemos a escola quando conhecemos a história.

Sinoeme Pataxó, graduanda no FIEI

Tanto vocês ganham e nós também ganhamos. Nós ganhamos sabe o quê? A valorização de nós mesmos.

Nete, liderança Pataxó

Minha lição com esse curso: quando a gente pensou em estrutura, percurso acadêmico, não estava pensando nessa interface só para as comunidades indígenas, mas para nossa própria sociedade. Pensando, sobretudo, em como repensar, através dos índios, a nossa universidade.

Maria Inês de Almeida, coordenadora de área do FIEI

É um desejo histórico de muitos de nós, que passaram pela Universidade, estudantes, professores e funcionários, de ver uma universidade verdadeiramente aberta, democratizada, com espaços que incluam, principalmente, as categorias ou segmentos da sociedade que, historicamente, ficaram discriminados no acesso ao ensino formal, ao conhecimento que pode ser produzido na universidade. Fundamentalmente, eu acho importante que a Universidade absorva os conhecimentos, os saberes não-formais que esses indivíduos trazem. O relacionamento com os índios eu acho que é o que há de melhor e de mais avançado que a Faculdade de Educação poderia ter proposto.

*Rosângela Gomes Soares da Costa, funcionária da FaE/
Núcleo de Apoio a Pesquisa*

Todo mundo fica espantado! Índio estudando, não é? É melhoramento, não é? Um crescimento, porque ninguém imaginava que índio ia ser professor. Se eu não viesse trabalhar aqui, nunca saberia que um índio é professor lá na terra dele! O comentário? Todo mundo fala: índio professor? Todo mundo que entra fica perguntando: o que eles estão fazendo aqui? O que eles fazem? Ai a gente fala que eles estão fazendo um curso de aperfeiçoamento de professores. É muito interessante saber que eles estão se qualificando ali. Meu conceito mudou, porque antes eu pensava que eles ficavam pelados, comiam com a mão... Na escola a gente aprende isso! Eu aprendi isso. E não. Eles são comportados, conversam normal, sentam normal, é gente igual à gente mesmo; só que eles são índios.

Luciana Lúcia da Cunha, trabalhadora da cantina da UFMG

A experiência do Curso é o que de mais importante está acontecendo em educação no Brasil, atualmente, porque dá a possibilidade de ter uma visão nova do Brasil. Acho que educação é pra modificar a percepção das pessoas da sociedade. Essa experiência vai ensinar a gente a lidar com outros problemas educacionais que a gente tem e que estão aqui – nosso aluno que se forma aqui, uma Universidade igual às de primeiro mundo, sai para dar aula e ali, do outro lado da rua, não sabe o que faz.

Jacyntho Lins Brandão, diretor da Faculdade de Letras da UFMG

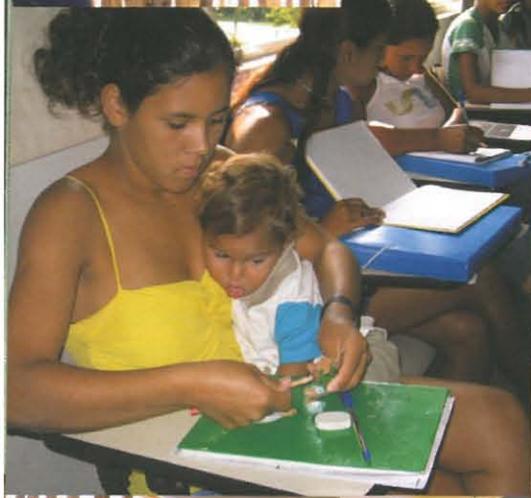
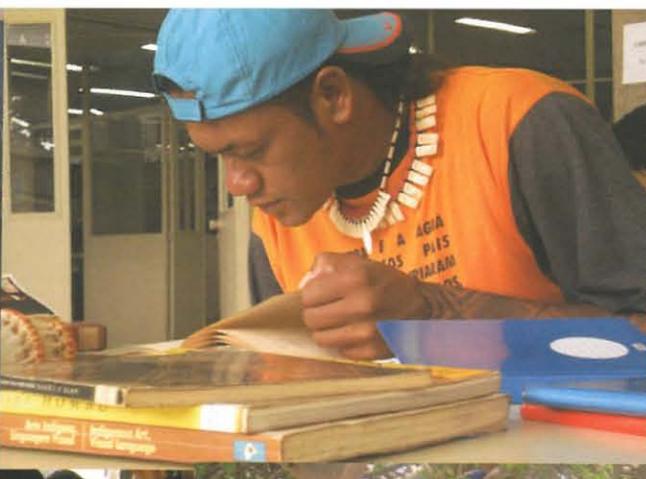
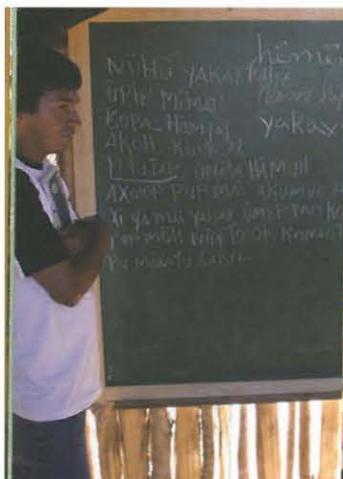
FORMAR

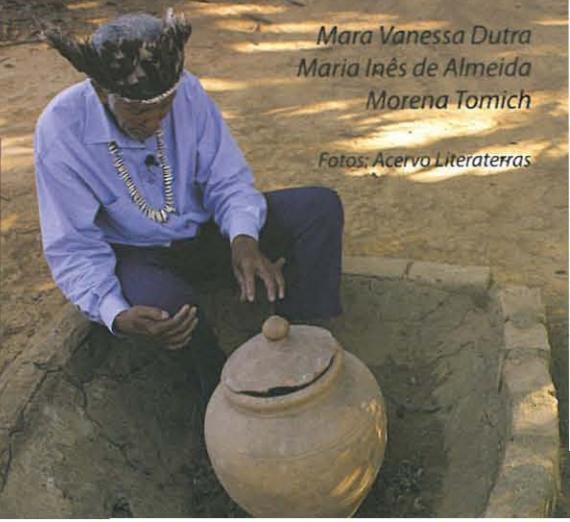
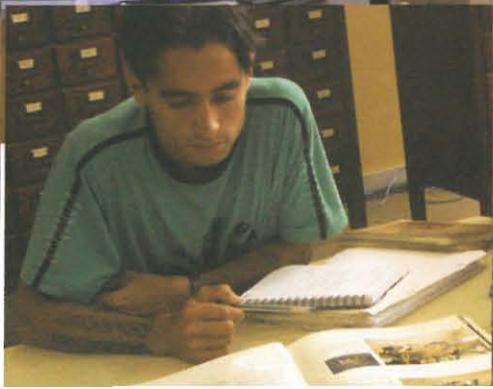
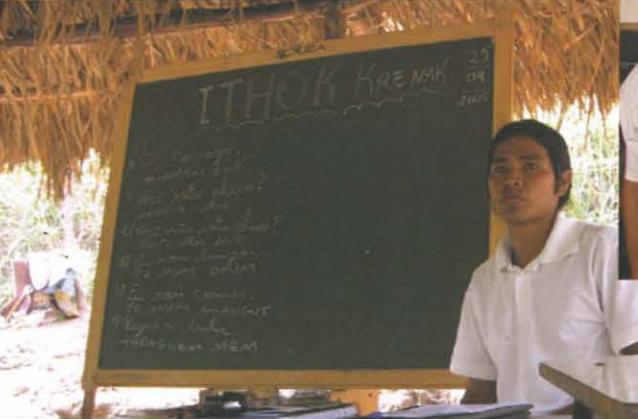
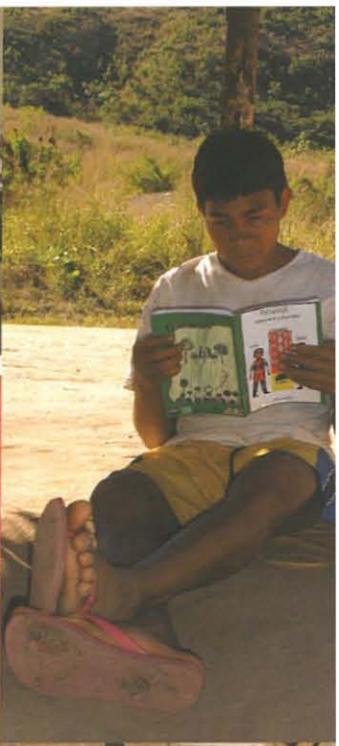
Outro grande acerto tem sido o trabalho com os monitores (alunos de pós-graduação da UFMG). Os monitores são o “pulo do gato”, em termos da estrutura que o curso tem. [...] Estamos formando quadros para dar força e corpo a este projeto, um quadro de pesquisadores, de futuros orientadores de pesquisa e formando o corpo docente para a educação indígena, um corpo docente de qualidade, dentro da Universidade. A gestão compartilhada é sempre um desafio e um caminho de aprendizagem, mas é essencial para o exercício da autonomia, princípio fundamental de toda a aventura da educação indígena específica e diferenciada. A gestão colegiada do curso, compartilhar a responsabilidade da condução do processo com lideranças indígenas e com representantes dos alunos, tem sido um grande aprendizado. É um colegiado formado, em sua maioria, por alunos, pelo corpo discente, ao invés do corpo docente. O objetivo é que o colegiado realmente dirija esse curso – isso ainda não acontece, é um dos desafios, mas a composição já está favorável a isso, no sentido de o curso ter um pêndulo que vai mais para o lado dos índios.

Maria Inês de Almeida, coordenadora de área do FIEI

Devemos sempre ter o cuidado de lembrar que toda comunidade ou sociedade tem sua forma própria de educar os seus filhos, seus jovens, com ações próprias, conhecimentos próprios, normas e disciplinas próprias de cada povo, formando assim sua própria política de educação. Atualmente, nós, povos indígenas, sobreviventes de uma política de extermínio, estamos lutando por uma outra forma de política educacional com respeito pela diferença, resgate da cultura, língua, arte e da dignidade de cada cidadão.

César Ytxay Pataxó, graduando no FIEI





Mara Vanessa Dutra
Maria Inês de Almeida
Morena Tomich

Fotos: Acervo Literateras